



[Clique aqui](#) para ouvir o episódio.

Convidado: Sérgio Freitas

Fabrício

Olá você, seja bem-vindo a mais um episódio do célula.in podcast, meu nome é Fabrício Tavares e hoje a gente vai falar sobre os desafios de uma igreja brasileira no exterior.

Para conversar sobre esse assunto está com a gente hoje o Pastor Sérgio Freitas. Sérgio que é Pastor Sênior da PIB New Jersey ou PIB Nova Jersey, em bom português, nos Estados Unidos.

Antes de ir para fora, ele foi pastor por vários anos em Vitória e Vila Velha, no Espírito Santo. Obrigado por aceitar o convite, Pastor. E junto comigo, seu co-host de sempre, Alexander Reis.

Alexander

Olá, pessoal.

Fabrício

Sérgio, queria começar com uma pergunta óbvia, porque deixar o Brasil para assumir essa posição aí nos Estados Unidos? Qual que foi o cenário que fez com que essa decisão fosse tomada?

Sérgio

Primeiramente, obrigado Fabrício, obrigado Alex, pelo convite, pelo carinho, obrigado você por ouvir esse bate-papo nosso, espero que seja gostoso para todo mundo.

Então, Fabrício, primeiro eu não tive nunca o sonho de estar nos Estados Unidos, assim, para edificar a vida, para construir, muito menos a pastorear aqui nos Estados Unidos de maneira tão impressionante como foi.

Por causa da maneira como o processo todo aconteceu com essa igreja me convidar para vir para cá, tivemos uma convicção muito grande de que esse era um projeto de Deus para nós, tivemos, quando eu digo, sou eu e minha esposa, minha esposa é psicóloga, eu também sou psicólogo, estava com uma clínica aberta, minha esposa trabalhando já na área e, através do texto de Isaías 58, Deus falou muito claramente com a gente que a gente precisava vir para cá e foi isso que aconteceu, aqui estamos nós há 3 anos e meio.

Fabrício

Ah, legal, bacana. Apesar, Sérgio, de aí ser uma igreja brasileira, até mesmo pelo nome PIB, Primeira Igreja Batista, os cultos e as programações elas acontecem em português, como é que funciona essa questão da língua e já emendado, como é que é o perfil das pessoas de fato, são brasileiros, são norte-americanos, pessoal é de outra nacionalidade, como é que funciona isso aí, essa questão cultura, principalmente em relação aos cultos e as programações?

Sérgio

Legal, então, nós vamos fazer 25 anos esse ano, em Abril, a gente vai comemorar as nossas bodas de prata, e fundamentalmente a nossa igreja foi fundada por brasileiros, há 25 anos atrás, mas ela já deixou de ser uma igreja de brasileiros fundamentalmente porque vivemos uma terceira geração de filhos dos imigrantes que começaram a igreja/

Fabrício

/Ah então eu entendi errado, achei que você que tinha fundado a PIB New Jersey aí, então na verdade há 3 anos e meio você está ai, mas a igreja já existe há 25 anos?

Sérgio

Exatamente. Eu fui convidado por essa igreja para estar aqui. Essa igreja ficou um tempo sem pastor e nesse processo eu fui convidado para ser o pastor dessa igreja.

Quando eu cheguei não havia um serviço, um culto regular em inglês, era uma igreja que pensava muito para brasileiros mesmo já tendo gerações dos filhos americanos, porque mesmo que seu filho nasça nos Estados Unidos, sendo americano ele tem a cultura brasileira por causa dos pais, mas o que faz ele ser edificado, as relações dele são todas americanas, então a primeira língua dele é o inglês, então eu não posso deixar de viver a experiência de igreja sem lembrar desses.

E por outro lado também, nós não podemos só pensar em brasileiros visto que estamos numa grande capital, num grande estado ao lado de Nova Iorque que é uma referência no mundo inteiro, sendo que nós temos pessoas de todas as línguas na nossa região. Então, nós não queremos ser uma igreja de brasileiros, a gente, em 2015, nós acrescentamos no nosso nome o Church of the city, que é igreja da nossa cidade, para mostrar que nós somos locais, que nós somos do povo, que como igreja agente quer chegar aos nossos vizinhos.

Então as nossas programações, sexta-feira nós temos culto regular para adolescente em inglês, adolescente jovem, e aos domingos nós temos o culto em português e, uma vez por mês, porque nós estamos transicionando a cultura, nós temos a celebração completa em inglês, até para que a gente consiga alcançar o público que está ao nosso redor.

O perfil da nossa igreja, por ser fundamentalmente uma igreja que foi fundada por brasileiros, a grande maioria é de brasileiros, temos os de língua portuguesa que são portugueses também, temos pessoas que falam espanhol das mais diversas partes do mundo, temos argentinos, venezuelanos, temos cubanos, então nós temos o espanhol e temos americanos, não só que são filhos dos imigrantes, mas são americanos que chegaram para nossa comunidade cristã e estão vivendo a igreja com a gente, especialmente por conta da igreja em célula.

Alexander

Sérgio, você comentou aí que a igreja tem aí 25 anos e que agora, recente, você colocou o Church of the city que é pra trazer essa sensação de comunidade, não apenas uma igreja para brasileiros, e aí, como que foi transmitir isso para as pessoas, para os membros, eles receberam bem, porque imagino que, por ser uma comunidade brasileira nos Estados Unidos, havia muita sensação de pertencimento, de família mesmo, coisa que é cultural brasileira, né, isso tinha aí.

É só uma imaginação minha, e se teve, transmitir essa nova ideia, essa visão de trazer também outras culturas, a própria cultura americana para dentro da igreja, como que foi?

Sérgio

De fato, quando eu cheguei aqui na igreja, existia esse perfil de bairrismo, né, das pessoas de eu “fundei isso aqui para mim, para viver a experiência para mim e para os meus”, né, mas a igreja é muito carinhosa, essa igreja aqui é muito querida, quando me convidaram, foi a minha primeira pergunta para mim mesmo, assim, quando Deus falou claramente que era pra eu vim para cá, antes mesmo da oficialização do convite, eu fiquei pensando com Deus, “Deus o que que uma igreja de 20 e poucos anos, 21 anos, quer com um cara como eu de, na época, 30 anos de idade”, então, a resposta não veio imediatamente de Deus, mas 5 meses depois que eu já estava aqui.

Deus foi muito claro comigo dizendo que a igreja desejava algo que ela não sabia exatamente o que era, mas o ficar no mesmo lugar era inadmissível, então eu digo pra eles mesmo que eles correram um grande risco chamando um cara como eu para liderá-los como pastor de referência, com a idade que eu tinha e com o background que eu tinha, com esse histórico que eu tinha de igreja e de pensamentos sobre igreja. Para ser muito sincero, o Church Of The city, a inclusão do Church Of The City, a mudança do logo, a mudança da identidade visual da igreja que aconteceu em 2015... 2016 gente, foi mal, 2016, em Abril, foi sensível porque desde que eu cheguei eu comecei a pregar sobre a nossa missão, sobre o nosso ir e o nosso ir não é para nós, não é para o nosso jeito, não é pra nossa língua, é para o mundo inteiro, e que mundo é esse, o mundo é tudo que está aqui a nossa volta, nós não podemos estar nos Estados unidos com as nossas portas fechadas e se o americano quiser, ou de alguém que fala inglês ou espanhol, chegar e não vai encontrar abrigo, não vai encontrar casa...

Alexander

Sim.

Sérgio

Então a igreja veio engravidando disso e veio assimilando isso com muita alegria, e hoje o que a gente vive é um resultado daquilo que Deus colocou no nosso coração mesmo como igreja.

Fabrício

Uhum, você percebe que isso que você está falando, que está descrevendo, é uma característica que vocês criaram, que você ajudou a criar aí na PIB Nova Jersey ou é algo que acontece em outras igrejas brasileiras também, esse caráter multicultural, essa mudança, essa transformação que aconteceu com vocês é uma mudança para talvez acompanhar o que acontece com outras igrejas, vou dizer outras igrejas brasileiras aí nos Estados unidos, ou não, ou já é o padrão ser multicultural, ter os braços abertos para receber pessoas falando inglês, espanhol, nativamente português, você percebe que isso é comum também as outras?

Sérgio

Claro que tudo que eu manifesto aqui são visões que eu tenho, né, das relações aqui e sou muito recente aqui nos Estados unidos/

Alexander

/Perfeito. Claro, sem dúvidas.

Sérgio

/3 anos e meio é muito pouco para você compreender uma cultura de igreja que está aqui há 3 gerações, pelo menos a que eu conheço e já tem frutos. O que eu sinto é muito pelo contrário, há uma sensação de, a palavra é posse mesmo, um sentimento de posse de que eu sou brasileiro e eu vou viver para brasileiros. Eu ouvi isso aqui já, na minha comunidade, logo no início que eu

cheguei, a seguinte frase: “Se os hispanos, se as pessoas que falam espanhol quiserem uma igreja que eles procurem uma igreja que fale espanhol.”

Então, há esse lugar, eu acredito que esse rompimento do bairrismo, esse rompimento desse lugar de eu sou brasileiro e eu vou ficar brasileiro com a minha língua pelo resto da vida, se as igrejas multiculturais, essas igrejas étnicas que a gente chama aqui, não transicionarem para uma multicultura, para um lugar multilíngue, mesmo que seja algo que seja desconfortável para alguns, se não fizer isso as igrejas vão morrer. Como é que eu vou chegar no meu vizinho que é americano, como é que eu vou pregar o evangelho para ele, falar de Jesus para ele, me relacionar com ele de maneira intencional, e aí o cara me ama, o cara vai se ligar à mim e quando ele saber do que eu vivo, de onde vem isso que eu vivo, eu falo assim:

“Ah, é da minha experiência cristã e eu fortaleço isso numa comunidade cristã”, aí ele fala assim “Eu quero ir com você”, aí eu vou falar “Não, não vai comigo porque só fala português”. Então, isso não entra na minha cabeça e por outro lado, o segundo aspecto é: a gente vai morrer, a primeira geração vai morrer, a segunda geração vai morrer, e os filhos? Eles vão ficar sem comunidade cristã ou vão para uma igreja americana, e do jeito que a gente gosta de fazer igreja, do nosso calor latino, Meu Deus, a gente tem tudo para transformar os Estados Unidos no nome de Jesus.

Fabrício

Você acredita que isso, essa visão que você está passando, tem um pouco a ver com o fato de vocês estarem num modelo celular, você acha que isso influencia nessa questão de abraçar essa questão da multicultura e de ser uma igreja étnica ou você acha que isso é independente?

Porque esse modelo celular que a gente está acostumado no Brasil, ele não é necessariamente exclusivo do Brasil, mas ele não tem a força nos Estados Unidos como tem no Brasil, inclusive você falou que tem alguns americanos que procuram e que estão

congregando por vocês especialmente pelo fato de ser uma igreja em célula né, ou seja, talvez seja uma característica diferente das igrejas, pelo menos, aí de New Jersey ou da região. Qual que é o peso dessa influência do modelo celular para essa visão?

Sérgio

Fabrizio, quando eu orava e buscava o Senhor sobre: “puxa vida, como nós vamos ser igreja, como nós vamos alcançar o mundo, como nós vamos transformar o mundo, sem falar inglês, sem celebrar um culto em espanhol, sem celebrar um culto em inglês, sem ser uma igreja contemporânea” porque aí eu estou falando de toda uma transição de igreja, todo um jeito de ser igreja que a gente está experimentando uma transição ao longo desses últimos 2 anos então.

Respondendo diretamente a sua pergunta, o modelo celular ele veio de encontro ao meu coração com Deus, mas o modelo celular é fruto de um incômodo, é fruto de um clamor, é fruto de uma angústia de nós não estamos sendo de fato uma igreja que Jesus estipulou para a gente ser, então, Deus, como ser esse tipo de igreja e aí sim, igreja em célula, ótimo. Estamos vivendo hoje essa transição, fizemos a nossa primeira multiplicação agora em janeiro, e o modelo celular aqui nos Estados Unidos, ele tem características similares ao do Brasil, mas eu acredito que o modelo celular não é muito forte assim como o movimento que acontece aí no Brasil especialmente porque eu acho que falta o tempero nosso. (risos)

A gente tem um tempero especial de chegar nas pessoas e o que a gente está aprendendo aqui, e não digo que a gente sabe e está muito longe de saber, é como lidar nessa multiculturalidade porque espaço para americano, fundamentalmente americano nascido e criado na cultura e experimenta isso, ele é fechado, ele precisa do espaço dele, então, como viver em célula numa cultura onde as pessoas não querem abrir suas casas, por exemplo, então a gente está aprendendo aquilo que a gente já faz aí no Brasil, que é primeiro tem que ser relacionamento, não tem jeito, depois que a pessoa me ama, depois que a pessoa tem o meu coração e eu



tenho o coração da pessoa, ela vai para onde eu for. Então, é primeiro no meu relacionamento, depois é qualquer lugar, então esse qualquer lugar que é lugar de edificação e crescimento e de fazer igreja na célula.

Fabício

Entendi

Alexander

Algo muito comum que acontece no Brasil é esse relacionamento mútuo entre pastores, a gente vê, por exemplo, com a Igreja da Cidade, em São José dos Campos, com a Rede Inspire, tem o DNA Central com a IBCBH e várias outros grupos de discipulados, de pastoreio ali e de suporte a igrejas também, aí nos Estados Unidos tem essa ligação entre os pastores, esse apoio de igrejas que estão já a mais tempo dando suporte a igrejas que estão começando, seja igrejas para americanos ou para brasileiro, para hispânicos, enfim, esse relacionamento, essa ideia de suporte, de ajuda para pastores existe aí, é comum, Sérgio?

Sérgio

Eu vou dizer a resposta de duas maneiras, eu vou dizer sim e não. Institucionalmente não, assim, um lugar onde nós encontramos apoio e suporte de maneira institucional, eu diria, eu, Sérgio, 3 anos e meio aqui, não. Mesmo que hajam instituições para isso, entenda bem, existem instituições para isso, mas eu não sinto esse suporte, né, de maneira a pastorear, talvez seja até por conta do meu jeito, não sei, pode até haver, mas eu não sinto. Mas, existem preocupações mútuas entre parceiros pastores, eu tenho alguns parceiros aqui próximos a mim que a gente não tem reserva para poder conversar sobre o coração.

O que que acontece aqui, mais uma vez eu estou sendo muito cauteloso para dizer daquilo que eu sinto porque é o meu jeito de pensar, eu sinto que as igrejas e os pastores, e eu estou falando de Batistas mas não Batistas também, eu estou falando de maneira geral, igrejas evangélicas aqui, as pessoas elas vem para os Estados Unidos, muitos vem para os Estados Unidos, não vem para poder pastorear, muitos não vem para receber o convite de uma igreja e receber o visto religioso para vir e aí vem para pastorear essa igreja, são raros, repito, raros, os pastores que vem dessa maneira como eu vim porque são poucas igrejas que tem uma estrutura de patrimônio, estou falando de igrejas étnicas como a minha, ok, igrejas americanas é outro universo.

Então, igrejas étnicas como a minha, as pessoas vem e aí aqui ou já são pastores, ou se tornam pastores, ou se autodenominam pastores e abrem um trabalho e começam a trabalhar em uma igreja. Por causa disso, meu sentimento é que as pessoas que são da igreja dele são como se fossem cabeça de gado que são propriedade daquele pastor, né, então, é meu.

Então há um negócio que eu digo que é terrível, para não dizer que completamente diabólico, onde as pessoas não se conectam por medo umas das outras, o que é absurdo, então, eu não sinto que há essa cooperação, mas com amigos aqui você consegue de maneira efetiva estar próximo. A solidão ela é real, em termos de poxa, você vem para um país estranho, você está se culturalizando, toda uma adaptação a língua a cultura e tudo, isso é real para cada um de nós, pelo menos é para mim, mas a gente vai aprendendo a construir, a edificar relacionamentos que te suportam quando os dias estão mais cinzentos, né.

Alexander

Interessante porque, principalmente vindo no contexto de igreja em células, a gente percebe que há uma cooperação tanto institucional de metodologia mesmo de trabalho, quanto também grupos de discipulado entre pastores mesmo, né, você deve sentir falta disso aí.

Você sente falta disso, eu não sei qual que foi a sua experiência em célula em igreja aqui no Brasil, mas você sente essa necessidade para você ter esse suporte em relação a células aí, ou com as igrejas que já são em células aí, vocês já possuem alguma coisa nesse movimento de interação de troca de ideias, de coaching, algo parecido?

Sérgio

Se existe nesse sentido eu não conheço de fato, especificamente sobre célula eu não conheço.

Alexander

Entendi

Sérgio

Tem igrejas próximas a mim aqui que são igrejas em células, tem um parceirão aqui meu, não é um cara que a gente sai para tomar um café, mas a gente se gosta para caramba, mas é um cara que se eu preciso de apoio no que diz respeito a célula, ele está a mas tempo vivendo a experiência de célula do que eu, eu tenho certeza que eu encontro nele suporte e apoio.

Porém, eu preciso acrescentar dois pontos que eu acho que são relevantes, não sei se as pessoas que nos ouvem elas vão conseguir dimensionar isso, mas a cultura aqui, mesmo a gente sendo brasileiros, é uma cultura de uma correria gigantesca, o movimento aqui é mais rápido, a gente costuma brincar aqui, mas é de verdade um sentimento que a gente tem, que o dia passa muito mais rápido, aqui as horas passam muito mais rápido,

especialmente no inverno, é um período de muito cinza, né, de muito frio associado à tristeza e ao recolhimento para dentro de casa, o dia é mais curto, o dia começa a clarear no inverno mesmo, no auge do inverno, o dia começa a clarear 7:30 da manhã, quase 8 horas da manhã e ele começa a escurecer 4 horas da tarde, né, então a noite é muito longa e isso dá uma sensação de acabou o dia, mesmo que a gente esteja ainda trabalhando e o cansaço bate.

Então, talvez por conta da cultura, não estou falando que eu concordo e que ela é boa, mas por conta da cultura também acho que há esse isolamento tão grande por conta do trabalho, e eu recebo apoio, suporte, coaching, pareceria, pastoreio, dos meus parceiros aí do Brasil dessas igrejas que você citou. Paulo Mazoni foi o grande cara que me influenciou, me influencia e me influenciará, no jeito simples de viver a igreja simples, na experiência em células ele foi um grande motivador, já estive aqui na igreja duas vezes e é um cara que seu ligo ele me atende para a gente poder conversar e falar, o Pastor Carlito também, que é um amigo, parceiro, então enquanto eu não encontro aqui esse tipo de parceria, para viver a experiência celular nesse tipo de igreja que vivemos, eu estou recorrendo aos queridos do Brasil.

Alexander

Bacana.

Fabrício

Sérgio, a cultura sendo diferente da forma que é, como você estava falando, é de se esperar também que a expectativa das pessoas que buscam a igreja aí deve ser diferente, e eu falo da expectativa dos próprios brasileiros que procuram uma igreja para congregar, seja aqueles que já são crentes quando eles chegam nos Estados Unidos ou daqueles que ainda não são, mas estão procurando uma igreja, querem conhecer ou então começaram a frequentar alguma célula, alguma coisa assim.

Então, com essa diferença cultural, na sua experiência no Brasil também como pastor, quais são as maiores diferenças nessas expectativas, assim, quando alguém está procurando uma igreja aqui, e é claro que isso vai variar de cidade para cidade, de estado para estado, mas existe uma coisa maior que une a cultura, tanto aqui no Brasil quanto aí nos Estados Unidos, então é de se esperar que isso modifique a expectativa, como que você lida com isso, o que que tem mais de diferente, né, alguma curiosidade do que as pessoas aí estão querendo quando elas vão em um culto de domingo, por exemplo, ou frequentam uma célula, da que você via aqui na sua experiência no Brasil?

Sérgio

Então, a de verdade é que eu estou tão imerso a nossa cultura e vivendo a nossa igreja e vivendo tudo que a gente está experimentando aqui, que eu precisaria de ajuda de vocês de como (risos) são as pessoas que procuram a igreja aí.

Fabrício

Migração intermitente aqui no Brasil é mais raro. Então, por exemplo, quando alguém sai de Belo Horizonte para poder morar em São Paulo normalmente ele não vai com prazo para voltar, “Ah vou ficar lá X anos e depois eu volto”, ou então quando alguém vem do interior para capital de algum estado qualquer, eu não sei exatamente o demográfico da sua igreja, da PIB New Jersey, mas eu acredito que uma parcela considerável frequenta a igreja, mas ele está com prazo contado aí nos Estados Unidos, seja porque ele já tem a expectativa de voltar para o Brasil ou porque ele fala “não, um dia eu quero voltar para o meu país de origem”, e ele acaba não criando, fincando, de fato raízes.

Eu estou falando isso pelo seguinte, também, eu tenho uma irmã, hoje ela é cidadã americana, que mora aí no estado de Utah, desde 2009, e ela assimilou muito bem a cultura americana, ela já foi com a cabeça de quem imigraria e ficaria de forma permanente, se eventualmente ela voltasse ao Brasil, beleza, mas a cabeça dela foi outra, isso fez com que ela lidasse com as situações, que eventualmente surgiram ao longo dos anos, de forma diferente de conhecidos que eu tenho que foram para poder ficar um tempo e depois retornar, né, foi para trabalhar ou foi para estudar, fazer intercâmbio, enfim, o motivo é diverso, mas essa, por exemplo, é uma diferença, então, normalmente quando uma pessoa aqui no Brasil procura uma igreja ela já é moradora daquela cidade ou ela pretende ficar naquela cidade por tempo indeterminado, mesmo que não fique, entendeu um ponto aí, um exemplo?

Sérgio

Entendi. Então, aqui é assim, eu estou no norte, né, os Estados Unidos é enorme, então a cultura aqui vai variando do norte para o sul, do leste para o oeste, é muito diferente de cada região, né, o frio ele manda bastante nas pessoas aqui, ele diz muito quem somos e como reagimos diante da vida se você não tiver bons relacionamentos aqui, sendo imigrante, você vai sofrer mais do que o normal porque não é fácil, não é fácil mesmo, hoje é um dia de tempestade que está acontecendo aqui e muitas pessoas não podem nem sair de casa porque não pode sair para trabalhar, ou a escola cancelou a aula por conta disso e a pessoa não tem com quem deixar seus 3 filhos, não tem como pedir ajuda para pai e mãe e aí fica desesperado com 3 crianças dentro de casa, 1 ou 2 dias, então, fundamentalmente, as pessoas vem para cá e procuram em comunidade cristã, seja através da célula ou das celebrações dos grandes cultos, elas procuram o sentimento de família, o sentimento de família não no sentido “Ah que coisinha maravilhosa, ah que gostoso, a pessoa vai investir na família, vai dedicar a vida na família”, não, é família para ela, ela quer sair, ela quer ter um lugar para sair, ela quer ter um lugar onde ela vai falar a língua dela, as pessoas vão entender, estou pensando no brasileiro ou de língua portuguesa.

Fabrício

Essa sensação de pertencimento.

Sérgio

É, exatamente, mas não no sentido que eu gostaria que fosse, no sentido de “Ah, vem pra cá, se torne família e vamos somar todos, eu a você e você a mim”, então é um servindo o outro, não só uma via unilateral onde as pessoas tem que, a igreja no caso institucional, precisa ir na direção daquela pessoa que está chegando/

Alexander

/É mais um sentimento egoísta da pessoa de querer suprir uma lacuna que ela tem?

Sérgio

Mais ou menos isso, a igreja se torna uma ferramenta de preenchimento de vazio, certo?

Fabrício

Não necessariamente Deus é o motivo principal.

Sérgio

Não, não, a priore não. Porém, essa motivação, eu costumo dizer para todos aqui, “Não importa a motivação que a pessoa recorra a uma célula ou recorra ao grande culto, vamos aproveitar essa motivação para fazer o nome de Deus conhecido”.

Então, se a pessoa vem porque ela precisa de abrigo, o que que eu vou dar para ela, vou dar abrigo, imediatamente vou dar abrigo para ela, ela precisa de casa a gente vai ajudar ela alugar um apartamento, ela precisa de roupa a gente vai dar roupa, ela precisa de roupa de frio, ela precisa de carrinho para o bebê, ela precisa de carro para comprar, a gente vai ajudar em tudo isso, para que o nome de Deus seja conhecido, mas enquanto fazemos isso, vamos ensinando quem Deus é. Muitas vezes a gente nem usa o texto bíblico em si, muitas vezes a gente nem usa uma frase de efeito, não, é o nosso amor que está mostrando para ela o quanto que nós amamos sem nada em troca, porque amanhã ela vai se colocar nesse mesmo lugar e vai ter oportunidade de servir também.

Então, agente usa essa demanda de lugar, de recurso, a igreja é um recurso para o meu vazio, para a gente abraçar, acolher, e esse é um lema da nossa igreja – o acolhimento, então é um grupo de pessoas imperfeitas olhando para cruz, então estamos indo todo dia em direção à cruz e por causa desse movimento estamos sendo melhores como humanos, como cristãos, como pessoas, então, nós aproveitamos isso para mostrar Jesus para essas pessoas.

Porém, existe um perfil que está sendo bem especial aqui, eu acho que bem especial na nossa comunidade, que está acontecendo um movimento imigratório não como era antes, de a pessoa vem de um lugar onde ele não teve oportunidade ou deu errado, faliu, vem correndo para os Estados Unidos para poder tentar a vida. Está acontecendo um movimento por conta da crise que se estende no Brasil, especialmente econômica não só moral e política, de empresas multinacionais que tem sede nessa região onde eu estou, as empresas estão fechando as sua filiais no Brasil e estão trazendo os melhores do Brasil para os Estados Unidos.



Então, ano passado eu recebi umas 4 ou 5 famílias vindo transferida de grandes companhias que tem sede em Nova Iorque que fecharam as portas no Brasil e trouxeram os melhores para cá. Então, isso muda um pouco o perfil imigratório da nossa igreja, em termos de brasileiros, também eu falo bastante sobre isso porque o sentimento, isso que a sua irmã fez, Fabrício, é saúde, o que ela fez é saudável, o que ela fez abençoa porque se você vem pra cá, e as pessoas vem para cá por vários caminhos, mas o que eu tenho pregado na igreja, ensinado o povo e tentado transmitir essa cultura é: você está aqui, você vive nos Estados Unidos, mesmo que você queira voltar amanhã ou ano que vem, desfaz as malas, você precisa desfazer as malas para você pertencer a esse lugar o tempo que você estiver.

Se você vai voltar amanhã, com a sua irmã fez, se por ventura eu tiver que voltar amanhã ao Brasil, eu voltarei ao Brasil integralmente, mas eu estou aqui nos Estados Unidos e vou edificar minha vida aqui, então hoje, graças a Deus, grande parte da minha comunidade já experimenta esse lugar de pertencimento saudável, investem a vida aqui, o resultado disso é visto na comunidade em si porque eu sou uma igreja de trezentos e poucos membros e eu tenho duzentos e pouco voluntários trabalhando semanalmente na igreja.

Alexander

Como é que é, repete.

Fabrício

Que isso, isso aí é um percentual alto.

Sérgio

Assim, eu estou falando nas áreas, nas áreas eu tenho, ao todo nos ministérios, duzentos e poucos voluntários, o último número foi 217 voluntários, claro que nem todos são membros da igreja, mas são voluntários nossos e isso só se dá por causa do pertencimento, no meu jeito de enxergar, né, eu posso estar errado também.

O meu povo trabalha, o meu povo vem e serve na comunidade. No escritório que a gente está conversando agora, eu tenho voluntários que trabalham aqui, meio expediente, e trabalham aqui como se fossem funcionários, de terça a sexta, e não recebem nada da igreja por conta do pertencimento, eles estudam ou trabalham meio período e o resto do período eles vem para cá para poder servir na comunicação, na área da música, mas rotina de escritório, sabe, e isso só se dá por conta do pertencimento.

Então, eu acho que isso é maravilhoso. Isso não quer dizer que tem ausência das crises, né, “Ai que vontade de embora”, “Ai que frio que está aqui”, “Ai, me Deus, no Brasil eu como aquela moqueca capixaba maravilhosa, posso comer moquequinha de banana e tudo” e eu estou falando de mim mesmo né – “Comer aquela moqueca, ai que saudade da moqueca”, “Ai que saudade do pão de queijo de verdade” – aqui eles fingem que tem um pãozinho de queijo, mas não tem não, não é de verdade, não. – então, não quer dizer que essas crises não aconteçam, elas acontecem, mas eles tem um lugar, um lugar que eles podem olhar para dentro e falar assim: “Eu estou edificando o reino de Deus, aqui, no meio desse povo, e eu pertenço a uma célula, eu quero ganhar os meus vizinhos para Jesus e eu quero fazer o reino de Deus crescer por causa daquilo que eu acredito de Cristo”.

Nosso propósito, como igreja, é o mundo transformado em amor através de pessoas compassivas vivendo em comunidade autêntica, é isso que a gente está pregando todo dia aqui, então, a gente é isso aqui e estamos tentando, estamos tentando todo dia e está sendo delicioso.

Alexander

E aí, células em uma igreja com uma diversidade cultural tão grande com esse perfil de pessoas que estão aí para ganhar dinheiro, que não começam a frequentar a igreja com o propósito de buscar a Deus em primeiro lugar, como que é, qual que é um dos maiores desafios que você enfrenta em relação aos pequenos grupos aí?

Sérgio

Viver célula aqui é uma delícia, delícia, é um desafio semanal o nosso suporte aos coordenadores, aos supervisores e aos líderes de rede. A conexão entre brasileiros é rápida, as pessoas se conectam com facilidade, o maior desafio que a gente tem é transicionar a cultura do egoísmo, né, que eu acho que vocês experimentam a mesma coisa aí, eu acho que a diferença aqui nos Estados Unidos é o potencial.

Aqui, o consumismo é um clamor das ruas, ele é gritado nas esquinas, qualquer pessoa aqui consegue ter um carro, qualquer pessoa consegue morar em uma casa, qualquer pessoa consegue ir ao mercado, qualquer pessoa, então, as coisas se tornam acessíveis, por causa disso o nosso desafio é: você não veio para cá por você, você não existe no mundo para você.

Então, nossa, como a gente tem que pregar sobre isso, isso eu estou falando na célula, na caminhada do dia-a-dia mesmo, porque sem a caminhada de discípulo e discipulador não acontece, não acontece multiplicação, não acontece transição de cultura, e aí a gente vai, adicionando a isso, a gente tem escola de líderes aqui, como a Igreja Batista Central de Belo Horizonte, eu utilizo inclusive o material do CCM e faço as nossas adaptações aqui para a nossa realidade, o que nós temos que batalhar e muito – e eu estou falando muito e vou falar muito 3 vezes para ficar completo, muito muito muito – é que as pessoas não existem pra elas e que elas precisam existir para Deus, para o outro e ele é o terceiro, eu sou o terceiro.

Esse é o nosso maior desafio, que a pessoa olhe para fora de si e experimente a delícia de conquistar uma pessoa para Jesus, e aí, Alex, Fabrício, depois que a pessoa gerou um filho na fé, um filho espiritual, já era, ninguém segura esse cara, essa pessoa, ninguém segura porque é tão apaixonante você gerar um filho, um filho na fé, que a pessoa quer fazer isso mais e quer 2 e quer 3 e quer 4. Isso é maravilhoso. Ano passado, nós recebemos na nossa igreja 76 novos membros, 76, isso é um recorde absurdo que a gente está experimentando aqui na nossa igreja por causa dessa transição de cultura, temos muito a avançar, muitas milhas a avançar, mas eu acho que a gente está no caminho que Deus quer que a gente esteja.

Fabrício

Então, para encerrar, Sérgio, para o pastor brasileiro que está assumindo uma igreja aí ou que é pastor há pouco tempo ou que está em uma caminha similar a sua, que recado que você dá?

Sérgio

Conta comigo.

(risos)

Sérgio

Conta comigo para ajudar.

Fabrício

Deixar o telefone do Sérgio aí no post, pessoal, o e-mail.

Sérgio

Pode colocar meu e-mail também, estou à disposição, pode colocar os contatos da igreja, o endereço da igreja. A igreja está disponível a servir porque a Bíblia fala que de graça recebemos, de graça damos, de graça eu tenho recebido de muitos amigos, de graça eu tenho recebido pastoreio e cuidado, e de graça eu quero dar também.

Então, conta comigo para apoio, para serviço, para conversa, para chorar, para rir. Existe uma cultura também, que eu acredito que é bem diabólica, que é de pessoas que querem ver o seu mal, né, então, até mesmo muitos deles tem o título de pastor ou são pessoas de outras igrejas que quando você chega aqui elas querem fazer o que com você, elas querem tocar o terror na sua cabeça e querem que você passe tanta dificuldade quanto eles passaram, isso eu tenho nojo, essa é a palavra mesmo, e eu falo isso de púlpito por isso que não tem nenhum problema.

Então, assim, a pessoa veio, ela passou por um monte de dificuldade, ela teve que carregar madeira no braço, teve que trabalhar no frio de 20 graus negativos e quando você chega aqui, ela senta para falar com você, e você vai chorar com ela e vai falar: “poxa, a vida aqui está tão difícil, eu estou me sentindo tão sozinho”, aí o outro fala: “ Ah, é assim mesmo, quando eu cheguei era muito pior do que você, eu tive que carregar não sei quantas madeiras no ombro, eu fiquei 3 dias com meu pé congelando, e não sei o que”. Para os meus amigos que estão chegando, pastores, líderes, as pessoas que querem começar uma igreja, então vamos conversar, vamos conversar, se quiser o nosso material de célula já com aculturação nossa, um pouco do nosso perfil pode usar também, é eu digo para você, se a gente puder

conversar, se você quiser contar, conta com parceria mesmo, realidade é importante para que você saiba exatamente onde você esta pisando na cultura, onde você esta pisando em termos de expectativa, do que espera da cultura, do que esperar das igrejas, isso é importante, mas você vai encontrar um incentivador, alguém que vai dizer para você que é possível, que é capaz, que diante de Deus, se Deus está te chamando para isso, Ele vai capacitar, Ele vai dar todas as ferramentas, Ele vai colocar gente como eu disponível, outras pessoas disponíveis melhores do que para poder servir e apoiar para que, de fato, o reino de Deus cresça porque esse é o desejo de Deus, Deus não quer competidores, Deus não quer pessoas que se agriem, Ele quer pessoas que se apoiem e que faça o outro crescer. Texto bíblico diz que dois é melhor, né, se tiverem 2 é melhor porque se um cai o outro ajuda.

Então, pode contar comigo, vai com calma, tenha paciência, é um processo longo, é longo, aqui tudo é muito longo, então, não desiste, se você é chamado, se você tem convicção do Pai que você está aqui por conta daquilo que Deus quer e sonha para você e para a comunidade, vai com tudo, quebra tudo para glória de Deus que vai ser benção.

Fabício

Muito obrigada novamente, Sérgio, por abrir esse espaço aí na sua agenda para bater esse papo com a gente. Vamos ficando por aqui então e até a próxima.